

A LINGUAGEM AUDIOVISUAL NO COMPLEXO ORGANIZACIONAL E INSTITUCIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DE PELOTAS E REGIÃO

IAGO MARAFINA DE OLIVEIRA¹; TALITA GONÇALVES MONTEIRO²; JOSÉ RICARDO KREUTZ³

¹Graduando em Psicologia – Universidade Federal de Pelotas – iagomarafinadeoliveira@gmail.com

²Graduanda em psicologia - Universidade Federal de Pelotas – talitagmonteiro@gmail.com

³Doutor, Professor do Curso de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito relatar e problematizar as atuais ações realizadas pelo TECSOL (Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sob o recorte da utilização do formato audiovisual como dispositivo de intervenção grupal. Tais atividades se dão juntamente aos empreendimentos de economia solidária que compõe a Associação Bem da Terra (BDT).

De acordo com SINGER (2004), historicamente a economia solidária surge como forma de reação e alternativa às injustiças que o desenvolvimento capitalista, sistema dominante, implica. A economia solidária não se coloca contra o desenvolvimento, mas, sim, pretendendo tornar este mais justo e solidário, dividindo benefícios e também prejuízos. SINGER (2008) ainda caracteriza a economia solidária pela igualdade de direitos e de meios de produção nos empreendimentos que são coletivos, autogestionários e democráticos.

Para uma melhor compreensão a nível organizacional e institucional da economia solidária em Pelotas e região, é necessário uma breve descrição deste complexo. Em 1999, surge o Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas (NESIC) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), que em seu surgimento possuía um nome diferente do atual. Mais tarde, em 2007, surge a Associação BDT, atualmente composta por 37 empreendimentos de economia solidária. Na UFPEL, o TECSOL surge mais recentemente, em 2011, e conta com variados vários projetos sob a coordenação de seus respectivos GTs (Grupos de Trabalho). Assim, se faz necessário dizer que a grande maioria das ações do TECSOL também estão vinculadas ao NESIC. Ambos os Núcleos trabalham colaborativamente na Associação BDT e na Feira Virtual BDT, por exemplo.

A hipótese de intervenção-experimentação, baseada nas teorias existentes no campo dos processos grupais¹, ocorre através da introdução de uma nova matéria de expressão distinta do discurso convencional das reuniões da Associação BDT. Trata-se do formato audiovisual, que pode se dar tanto nas visitas aos empreendimentos de economia solidária como nas reuniões mensais da Associação BDT, onde se fazem presentes pelo menos um integrante dos empreendimentos. Aqui, há um entendimento de que a linguagem audiovisual potencializa as eventuais problematizações a serem discutidas nestas reuniões pelo grupo por romper com a

¹ Entendemos que, no processo grupal, existe o grupo-sujeito e grupo-sujeitado, coexistindo em experimentação, não se opondo um ao outro. Segundo GUATTARI (2004, p. 105 - 106), “poderíamos dizer do grupo-sujeito que ele enuncia alguma coisa, ao passo que, do grupo-sujeitado, diríamos ‘sua causa é ouvida’. E não se sabe onde nem por quem é ouvida, numa cadeira serial indefinida”.

lógica discursiva vigente na modalidade da reunião². O conceito de processos grupais e a inserção da linguagem audiovisual, tal como estamos pressupondo para este trabalho, estão corporificados empiricamente em dois públicos: (1) O grupo reunião da Associação BDT, estruturado por uma coordenação composta por quatro membros e um representante de cada empreendimento de produtores urbanos e rurais e (2) cada um dos empreendimentos, o quais têm sua própria composição de diversas famílias e são unidos pela tarefa de produzirem os produtos comercializados pela Associação BDT. Portanto (1) e (2) são entendidos como grupos operativos e/ou grupos sujeitos. Segundo RIVIÈRE (2005), grupos operativos também podem ser entendidos como grupos de discussão e tarefa, onde se constitui dispositivos de autorregulagem colocados em funcionamento por um mediador, cujo o objetivo é conseguir, dentro do grupo, uma comunicação que se preserve ativa e criadora. Convergindo com a ideia de Pichon Rivière de autorregulagem, muito antes desse autor, GUATTARI (2004, p. 105-106) já definia grupo-sujeito como sendo o grupo que é “ouvido e que é ouvinte e que, por isso, faz aflorar uma hierarquização de estruturas que vai lhe permitir abrir-se a um ‘para-além’ dos interesses do grupo”.

Assim, a ideia que nos interessa aqui é de um processo grupal *pichoniano* e *guattariano* o qual guarda um campo de diversas técnicas de intervenção e potencialidades. Neste caso, a introdução de uma outra camada discursiva que se dá pelo efeito da linguagem audiovisual nos grupos que constituem os empreendimentos economia solidária podem fazer emergir novas formas de vida, relações interpessoais e subjetividades. Como discutiremos a seguir no que se refere aos procedimentos metodológicos do processo em tela, à cada um dos 37 empreendimentos vinculados a Associação BDT, nas imagens editadas em seus próprios vídeos curta-metragem, através prática extensionista, se tensiona criar condições práticas para emergir de dentro dos grupos um processo para a construção de uma narrativa a partir de suas histórias e experiências. Nas reuniões mensais da Associação BDT, o vídeo funciona de forma a tentar alcançar um nível de horizontalidade que às vezes se perde para uma camada de linguagem verticalizada que foge aos fundamentos justos e solidários deste outro modo de produção e comercialização.

2. METODOLOGIA

Feita a contextualização inicial e apresentado o recorte específico da prática extensionista deste eixo de ações do Tecsol, definiu-se como procedimento metodológico a sistematização de uma demanda produzida na reunião mensal da Associação BDT. Numa dessas reuniões foi definido pelo grupo um cronograma de exibição dos curtas de cada empreendimento com o objetivo de contar a história do grupo que compõe o empreendimento, do nome que leva o empreendimento, principais produtos e a relação com a economia solidária. Este cronograma moveu a criação de uma equipe de extensionistas do TECSOL designados especificamente para a tarefa de agendamento com os empreendimentos, captação de material

² PICHON-RIVIÈRE (1976) ainda contribui para uma concepção de grupo a partir da ideia do ECRO (Esquema Conceptual Referencial Operativo). No ECRO há uma organização de conceituações teóricas e gerais direcionadas à algum discurso, fazendo o sujeito refletir, afetar-se e agir. O ECRO é, sobretudo, aberto à práxis.

audiovisual, termos de consentimento de uso de imagens, produção e edição dos vídeos curta-metragem a serem exibidos nas reuniões mensais. Esta rotina impõe uma produtividade extensionista de produção e exibição de dois vídeos por mês e replicação de cópias dos vídeos para os empreendimentos envolvidos no seu dia de exibição. Aqui, foi perceptível a preferência dos empreendimentos rurais agendarem a visita do TECSOL para a estação primaveril, onde as imagens ficariam mais estéticas e identificadas com a temática do campo. Já nos grupos urbanos houve uma maior aleatoriedade.

Toda a visita para gravação é feita, via de regra, no mês anterior a data agendada no cronograma a fim de se ter tempo hábil de realizar a parte técnica, como a edição do material captado. À esta equipe de extensionistas designado para executar esta tarefa, foi dado o nome de “Grupo de Trabalho Video Visita” (GT VV). O GT Vídeo Visita, responsável por este projeto no TECSOL, se responsabiliza por todo o processo que as ações implicam, desde o contato com os integrantes dos empreendimentos, gravação audiovisual, edição e finalização.

Assim que cada vídeo é editado, uma cópia é encaminhada para o respectivo grupo sugerir possíveis alterações. Depois desta autorização, o vídeo é finalizado, gravado em DVD e entregue para os mediadores, também integrantes do TECSOL - mais especificamente vinculados a incubação de empreendimentos - que assistem ao material e encontram questões de experimentação e problematização a serem pautadas na reunião da associação. Estes mediadores, então, são responsáveis pela exibição do material que sucede o debate. Desta forma, a metodologia da produção audiovisual implica em desdobramentos tanto nas reuniões como nos empreendimentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, sete empreendimentos do complexo organizacional e institucional de economia solidária de Pelotas e região tiveram suas histórias, experiências e culturas narradas em seus próprios curtas. Cada empreendimento tem seu curta singular, de aproximadamente dez minutos. A média de exibição mensal nas reuniões da associação é de dois curtas mensais, que vem sendo exibidos no início de cada encontro.

É possível afirmar que estas intervenções tem fomentado importantes discussões, tanto nas reuniões como nas visitas. Nesta relação, há o encontro de saberes populares e acadêmicos, onde o primeiro é trazido pelos trabalhadores e o segundo pela Universidade, sendo que nenhum se sobrepõe ao outro. Durante a troca, o saber produzido naquele momento deixa de ser somente popular ou acadêmico, virando um único produto transdisciplinar³. Além disso, é esperado que se encontrem sinais observados nos grupos ao longo destas experiências que agenciem novas estratégias de vida nos mesmos.

A estimativa é de que aproximadamente 185 pessoas, integrantes de grupos que compõe empreendimentos solidários, são atingidas diretamente por esta ação.

³ Transdisciplinar no sentido de problematizar os saberes em seus lugares de congelamento e universalidade. Conforme (PASSOS; BARROS, 2000, p. 77), “tratar-se-ia, nesta perspectiva transdisciplinar, de nomadizar as fronteiras, torná-las instáveis. Caotizar os campos, desestabilizando-os ao ponto de fazer deles planos de criação de outros objetos-sujeitos”.

Indiretamente, os aproximadamente 207 consumidores da Feira Virtual BDT também poderão ter acesso ao material produzido.

4. CONCLUSÕES

A partir do cronograma definido pelos 37 empreendimentos em uma média de dois curtas exibidos mensalmente, a previsão é de que este trabalho dure, aproximadamente, dois anos. Desta forma, se faz sempre pertinente o aprofundamento tanto técnico como conceitual dos Grupos de Trabalho envolvidos no processo. Isto serve para que a intervenção não perca o seu interesse, objetivo e impacto, já que é relativamente longa.

Embora no início de seu desenvolvimento, as atividades do TECSOL - sob o recorte da produção audiovisual na economia solidária - junto aos empreendimentos e Associação BDT já demonstrou implicações positivas na área relacional em função da novidade que a linguagem audiovisual apresenta nas assembleias. Desta maneira, o vídeo vem tentando penetrar uma camada de linguagem que atualmente vem sendo verticalizada nas reuniões e fazer emergir uma nova camada de linguagem horizontal que seja condizente com os princípios da economia solidária.

Por fim, se deve destacar a relevância desta ação para prática extensionista a partir da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, tais práxis contribuem para a geração de novos projetos, encontros, saberes e resultados tanto para a academia como, sobretudo, para comunidade, estando juntamente a ela.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMSON, G. **El ECRO de E. Pichon-Rivière**. Escola de Psicología Social del Sur, Palermo. Online. Acessado em 27 jun. 2016 Disponível em http://www.psicosocialdelsur.com.ar/alumnos_textos_contenido.asp?idtexto=4
- CASTANHO, C. Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica. São Paulo, **Vínculo**, v. 9, n. 1, p. 47-60, 2009.
- GUATTARI, F. **Psicanálise e Transversalidade**. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.
- PASSOS, E; BARROS, R. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. Brasília, **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000.
- PEREIRA, T.T.S.O. Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção. São Paulo, **SPAGESP**, v. 14. n. 1, p. 21-29, 2013.
- RIVIÈRE, P.E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SINGER, P. Economia solidária versus economia capitalista. Brasília, **Sociedade e Estado**, v.1, n.1-2, p. 100-101, 2001.
- _____. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. São Paulo, **Estudos Avançados**, v. 18, n. 51, p. 7-22, 2004.
- _____. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.